

M 141- A. 1. 55
Paz, amor e pombas

COM ARROZ

Existe em Turim um alfaiate es-
perto, que fez fama por ter ofere-
cido ao Papa, há dois anos, um
manto simbólico, a que chamou "a
capa da paz". Vai agora aos Esta-
dos Unidos oferecer ao presidente
Truman, que o receberá na Casa
Branca, o "casaco da paz". Diz que
na volta oferecerá outras capas de
modelos diferentes, mas todas "da
paz" a outros líderes políticos eu-
ropeus. É provável (isto não vem
nos telegramas, mas vem na lógica
da publicidade) que ele presenteie
o marechal Stalin com uma "pele-
rине da paz".

É coisa tão querida a paz que to-
dos querem estar de seu lado e ser
tidos como seus filhos, ou pais, ou
pelo menos amantes. O alfaiate
Santomauro faz nome e fortuna à
custa disso. Quando esgotar o nú-
mero dos grandes chefes, ele se vol-
tará, com certeza, para o homem
comum, e nos oferecerá o pijama
da paz, que há de ser azul, e sem
listras nem bolinhas. Talvez entre
em entendimentos com alguma em-
presa metalúrgica para lançar —
em Caxias, por exemplo, — o "co-
lete de aço da paz".

Desde os tempos do Dilúvio a paz
tem um símbolo que assusta pela
fragilidade. A pomba é, afinal, um
bicho como os outros, que ama sua
paz, mas luta por comida ou por
amor. Ainda outro dia, num desses
momentos de doce vagabundagem
que a gente tem necessidade de
lutar ao valvém utilitário e in-
sensato do Rio, quedei-me dez mi-
nutos junto à estátua de Floriano
vendo as pombas, rolinhas e par-
dais que algum amante dos passa-
rinhos costuma atrair para ali com
puchados de fubá. Assisti a mais
de uma luta rápida, de bicadas, e
cheguei à conclusão melancólica de
que não há paz, nem mesmo no
mundo das pombas. É apenas a ve-
lativa fraqueza das pombas, diante
dos gaviões e das águias, que lhe
valeu o prestígio simbólico.

Conta um amigo ter ouvido de
sua tia, senhora muito boazinha,
que um dia ela estava na sala de
jantar, em uma casa do interior de
Minas, quando uma linda pomba
pousou em sua janela. A boa se-
nhora foi se aproximando devagar,
e conseguiu pegar a pomba. Viu
então que em uma das patas ela
tinha um anel metálico, onde es-
tavam escritas umas coisas. Meu
amigo esclareceu que devia se tra-
tar de um pombo-correio, e a tia
disse: "Era muito bonitinho, e man-
sinho mesmo; eu gosto muito de
pombo".

— E que foi que a senhora fez?

A santa senhora olhou o sobrinho
com um ar de surpresa, como se a
pergunta lhe parecesse pueril: "Co-
mi. uai, comi com arroz..."

Assim há no mundo, alfaiate San-
tomauro, muito amante da paz. Com
arroz.

27/3/52

R. B.